

# Terrorismo e Propaganda nos *Media*

Hugo Franco

*Licenciado em Ciências de Comunicação no ISCSP. Jornalista do Expresso da secção de Sociedade e coautor do livro Os Jiadistas Portugueses. Escreve habitualmente sobre segurança, crime e terrorismo.*

## Resumo

Realizar a cobertura jornalística de atentados terroristas requer um especial bom senso por parte dos profissionais dos *media*. Sobretudo para não causar alarme social e poupar as vítimas desses ataques a um duplo sofrimento: o do atentado e o de serem expostas na comunicação social. No entanto, em quase todos os ataques jornais e televisões cometem erros grosseiros e inadvertidos, mas também de uma forma consciente. Esses erros podem explicar-se em parte pela urgência em dar um exclusivo em primeira mão antes da concorrência, ou simplesmente porque existe a necessidade de fazer aumentar as audiências a todo o custo. Este artigo conta alguns casos-estudo passados no estrangeiro, sobretudo em França, país que tem sido alvo de vários ataques de cariz jihadista nos últimos anos. E, paralelamente, usa a experiência adquirida pelo autor no jornal *Expresso* nos últimos anos, nestes dossiers delicados e o *modus operandi* utilizado pelo semanário nas questões ligadas ao terrorismo.

## Abstract

### *Terrorism and Propaganda in the Media*

*Carrying out the journalistic coverage of terrorist attacks requires a special common sense from the media's professionals. Especially not to cause social alarm and spare the victims of these attacks to double suffering: that of the attack and of being exposed in the media. However, in almost all attacks, newspapers and televisions make huge and inadvertent mistakes, but also in a conscious way. These errors can be explained in part by the urgency of giving a first-hand exclusive before the competition, or simply because there is a need to increase audiences at all costs. This article tells a few case-studies spent abroad, especially in France, a country that has been the target of several jihadist attacks in recent years. And, in parallel, this work uses the experience acquired by the author on the Expresso in the last years, in these delicate dossiers and the modus operandi used by the weekly newspaper on these terrorism-related issues.*

## Introdução

Os últimos quatro anos puseram à prova as redações de todo o mundo e Portugal não foi exceção. O aparecimento meteórico do autodenominado Estado Islâmico, ou Daesh, e as novas formas de propaganda do grupo jihadista que se implantou em poucos meses na Síria e no Iraque, em 2014, vieram desafiar os jornalistas que cobrem os assuntos de segurança e terrorismo. De repente surgiam nas redes sociais homens de cara tapada a realizar execuções no deserto a vítimas indefesas, vestidas com uniformes cor de laranja. Mais recentemente, seguimos os atentados que se multiplicaram por toda a Europa, sobretudo após o ataque à redação do jornal satírico francês *Charlie Hebdo*, no início de 2015. O Daesh definha neste momento, por isso creio ser esta a altura certa de recordar o que os *media* fizeram de bem, e menos bem, em relação à cobertura jornalística a uma das organizações terroristas mais tenebrosas que o mundo já conheceu.

## Propaganda dos Jihadistas Portugueses

Escrevo sobretudo sobre a experiência pessoal que vivi com alguns colegas da redação do *Expresso*, o jornal onde trabalho há doze anos. Algures em março de 2014, o país recebeu a informação dos serviços de informações portuguesas, através de mais um *Relatório Anual de Segurança Interna*, publicado pelo Gabinete do Secretário-Geral do Sistema de Segurança Interna (GSG SSI), de que havia cidadãos nascidos em Portugal ou com ascendência portuguesa que se tinham juntado a grupos islamitas que lutavam na Síria. O documento não trazia muitos pormenores sobre o fenómeno, mas estava lá tudo o que era necessário para iniciarmos uma investigação jornalística que quatro anos depois ainda está longe de ser totalmente desvendada.

Quando uma fonte nos revelou que deveríamos procurar o apelido “Al Andaluz” nas redes sociais, apercebemo-nos que aquela era a melhor dica que poderíamos ter recebido. No Twitter, mas sobretudo no Facebook, abundavam as páginas de indivíduos com aquele apelido ou *nickname*. Sorridentes, e quase sempre de cara parcialmente tapada, mostravam-nos dezenas de fotografias com armas de guerra em punho, no meio de cenários inóspitos, acompanhadas por comentários em inglês, árabe, mas também em português. Faziam aquilo a que designamos de apologia ao terrorismo, convidando outros rapazes e raparigas a juntarem-se a eles no Califado, espécie de paraíso na Terra. Sabíamos pouco sobre eles, mas era nos comentários de amigos e familiares que surgiam as principais pistas que íamos seguindo como cães de fila.

Descobrimos que moravam na Linha de Sintra e depressa soubemos que tinham estado em Leyton e Walthamstow, zona oriental e norte de Londres. Seguimos sobretudo este grupo de seis rapazes e fomos por duas vezes à capital britânica conhecer as influências e razões que os terão levado de uma vida não muito dife-

rente de tantos nós para uma guerra longínqua na Síria. Um irmão de dois deles, que continua a viver em Londres, levando uma vida do lado certo da lei, explicou-nos que os familiares tinham ido ter “com o verdadeiro Islão”. Não conseguimos acreditar naquelas palavras e prosseguimos a nossa investigação, paralelamente àquela que era, e é, realizada pelo Serviço de Informações e Segurança (SIS), pela Unidade Nacional de Contra Terrorismo (UNCT) da Polícia Judiciária, pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e também pela PSP e GNR.

Olhando agora para os primeiros artigos que publicámos sobre este tema no *Expresso*, é fácil verificar que fomos cautelosos, embora não isentos de erros. Era um terreno ainda virgem por explorar, e feito com avanços e recuos. Recordo-me de uma reunião com editores e diretores, em que foi decidido não revelar ao público os nomes completos dos jihadistas, nem os rostos descobertos. Um exemplo? O já internacionalmente conhecido Nero Saraiva era referido apenas como “Patrício”, um dos nomes do meio. Proteger a identidade daqueles rapazes e raparigas saídos da escola para a *Jihad* era naquela altura uma prioridade para nós. As famílias não tinham culpa das suas más escolhas de vida. Também as moradas, principalmente em Portugal, eram arredondadas. Assim, um prédio em Massamá passava a ser um prédio na Linha de Sintra.

O objetivo era nobre. Não é por acaso que ainda hoje, mesmo com todas as falhas que lhe possam ser apontadas, o *Expresso* é apelidado de “jornal de referência”. Mas previsivelmente não iria resultar durante muito tempo.

A primeira machadada veio do Reino Unido. Um dos irmãos, Rodrigues da Costa, divulgou um vídeo de propaganda em abril de 2014 em que apelava à *Jihad* global. Apesar de estar de cara tapada, os serviços de informações aperceberam-se de um sotaque característico da comunidade lusófona que reside naquele país. Uma fonte revelou-nos a identidade do jihadista, informação que acabámos por partilhar com um repórter inglês que nos havia ajudado na mesma matéria. Mas apesar dos nossos alertas de que não iríamos publicitar o nome do português, pedindo-lhe para fazer o mesmo, ele mandou o acordo informal às urtigas e publicou o nome completo num dos principais diários britânicos. O jornalismo tem destas histórias.

No mês seguinte foi a vez de um diário de cariz mais popular abrir uma fenda na nossa muralha: desconfiamos que uma fonte informal contactada por nós na altura tenha passado a informação. Não tenho certezas sobre o que afirmo, mas garanto não estar muito longe da verdade. Tal como referi há pouco, o jornalismo tem destas histórias.

Em poucos dias, Portugal inteiro ficava a saber os nomes, moradas, mãe, pais, tios e enteados do pequeno grupo de jihadistas portugueses. Não podíamos escamotear esse facto, e um pouco contra a nossa vontade acabámos também por publicar os nomes, sem, no entanto, ir a correr para as portas dos prédios em Massamá, Queluz

de Baixo ou de Mem Martins, como aconteceu com alguma da nossa concorrência. Esta foi a primeira fase da nossa ligação ao submundo jihadista. Onde seguimos todas as normas deontológicas, à risca. Volto a repetir, não isenta de erros.

### **Os Vídeos das Matanças no Deserto**

No verão de 2014, a máquina de propaganda do autodenominado Estado Islâmico começou a ganhar pujança com a divulgação dos primeiros vídeos de produção *made in Hollywood*. As imagens das decapitações marcaram-nos a todos. Primeiro foram os jornalistas norte-americanos James Foley e Steven Sotloff, depois o inglês David Haines, funcionário de uma organização humanitária. Seguiram-se outros igualmente repugnantes onde um carrasco vestido de negro e de cara tapada decapitava a vítima, ajoelhada num deserto com um uniforme laranja igual aos prisioneiros de Guantánamo. As imagens impactantes obrigaram todos os órgãos de comunicação social a tomarem medidas. Não me recordo de ter assistido à divulgação da decapitação, mas foram poucos os canais ou jornais que não emitiram ou publicaram *frames* dos vídeos.

O Estado Islâmico ganhava no terreno e na guerra da propaganda. Acredito que se fosse hoje, vendo um Daesh agonizante no Médio Oriente e uma Europa ferida depois de dezenas de ataques terroristas, muitas televisões e jornais não teriam publicado um só vídeo daquele ato tão vil e covarde. Basta comparar com um exemplo recente da divulgação de um vídeo que mostra uma suposta morte de Ronaldo e de Messi, olímpicamente ignorada pela esmagadora maioria dos *media* mundiais e nacionais. Mas na altura, tudo aquilo era novo, metia medo e colocava em causa o estilo de vida que defendíamos no Ocidente. Jihadi John e as suas torturas “Mensagens para a América” eram como um filme de *suspense*, mas com vítimas reais. Para qualquer jornalista era mais importante descobrir quem era o homem por detrás da máscara do que pensar uma, duas, três, quatro vezes antes de publicar e publicitar mais um vídeo de *marketing* terrorista.

Em relação ao *Expresso*, acredito que as falhas se deram mais nas edições digitais. Lembro-me de um ou dois exemplos de artigos que poderiam não ter sido publicados: um sobre uma ameaça feita nos habituais canais de propaganda de um atentado em Portugal e na Hungria, que felizmente nunca se veio a concretizar; outro sobre a identidade de um luso-luxemburguês que de cara semitapada terá sido o carrasco de mais uma execução do Estado Islâmico.

Aí, sejamos francos, falhámos todos nós, jornalistas, editores, diretores. Tenho a percepção clara de que se os *media* se tivessem organizado, como mais tarde fez a imprensa francesa depois do atentado de Nice, o Estado Islâmico não teria ganhado a mesma pujança na altura.

Estes são só alguns exemplos. Mas há vários estudos que o comprovam, com dados do passado recente.

É o caso do trabalho acadêmico *Terrorism and the Media: The Effect of US Television Coverage on Al-Qaeda Attacks*, de Michael Jetter (2017).

Analisando o período entre o ataque às torres gêmeas, em Nova Iorque, a 11 de Setembro de 2001 até ao final de 2015, o autor norte-americano conclui que a Al-Qaeda intensificava o número de atentados sempre que a cobertura televisiva à organização terrorista aumentava.

Havia uma relação causa-efeito – pior, um efeito de contágio – entre a quantidade de reportagens realizadas pelos quatro principais canais, CNN, NBC, CBS ou Fox News, e as bombas colocadas pelos terroristas. “Em média, cada minuto de cobertura sobre a Al-Qaeda num noticiário de 30 minutos encorajava um ataque adicional nos sete dias seguintes”, lê-se no relatório. Pelo contrário, os atentados quase desapareciam quando não era dada atenção às atividades terroristas.

Michael Jetter é um estudioso que conhece a dinâmica das redações norte-americanas. Tem a noção de que será difícil aplicar de cima para baixo, ou seja, dos governos para as redações, sanções para os *media* que continuem a fazer a cobertura noticiosa a organizações terroristas. É que uma restrição ou proibição vinda diretamente do governo poderia colocar facilmente em causa a liberdade de expressão. É por isso que o autor sugere aos jornalistas e diretores de informação dos principais canais dos EUA para repensarem a forma como é feita a cobertura jornalística dos atentados terroristas. E dá o exemplo dos suicídios, em que a comunicação social se autoimpôs em não divulgar para não encorajar os chamados *copycats*, os imitadores. Jetter (2017) conclui que, desde o 11 de Setembro, a Al-Qaeda recebeu mais atenção dos *media* norte-americanos do que a China e a Rússia juntas.

Cito outros estudos importantes sobre esta matéria, como o “Mainstream Media Propaganda Fuels and Fans the Flames of War”, de Joachim Hagopian (2015), republicado em 2017, já com dados sobre o ISIS.

E também o “Can a Copycat Effect be Observed in Terrorist Suicide Attacks?”, de Nicholas Farnham e Marieke Liem (2017).

### **União dos *Media* Contra o Terror**

Voltemos à noite de festa na comemoração da Bastilha na Promenade des Anglais, em Nice. Às 22h40 de 14 de julho de 2016 e ao camião conduzido por Mohamed Bouhlel, um indivíduo de dupla nacionalidade francesa e tunisina, autor de crimes comuns não associados a redes terroristas. Todos sabem quase de cor o que aconteceu nos minutos seguintes. Os franceses voltavam a ser alvo de um grande atentado – depois de *Charlie Hebdo* e do Bataclã –, desta feita com um *modus operandi* que iria inspirar mais atentados nos meses seguintes, um pouco por toda a Europa. Era o chamado *do it yourself*, em que qualquer pessoa com um veículo pesado e com más ideias na cabeça poderia causar uma tragédia onde quer que fosse, tornando o trabalho das polícias ainda mais difícil. E que meses depois, após os atropelamen-

tos em massa no mercado de Natal de Berlim e também na Catalunha, obrigaram as principais cidades europeias a colocar barreiras de segurança nas zonas turísticas de grande afluência, Lisboa e Porto incluídos.

Em Nice, as vítimas do franco-argelino de 31 anos ficaram espalhadas pela rua durante longos minutos. Era impossível recolher os corpos dos 84 mortos e dos 18 feridos para hospitais e morgues num curto espaço de tempo. O que permitiu a jornalistas, familiares, amigos e curiosos tirarem fotografias àquele cenário macabro. Nas horas seguintes, algumas televisões passaram essas imagens, algumas delas não editadas. O corredor de mortos e feridos foi também parar a muitas primeiras páginas de jornais. Houve diários portugueses que seguiram esse mau exemplo. Os horrores do terrorismo iam ganhando sistematicamente honras de aberturas de telejornais e os autores dos massacres eram sacralizados pela propaganda do Estado Islâmico. Uma lógica tortuosa que obrigava a medidas drásticas. Foi assim, que após o ataque em Nice, um grupo de publicações francesas fez um acordo inédito. Para o canal de televisão BFM TV ou os jornais *Le Monde* e *La Croix* tinha terminado uma era. A partir de então, decidiram parar de publicar fotografias dos autores de atentados para evitar que sejam colocados no mesmo nível das vítimas.

O diretor do *Le Monde*, Jérôme Fenoglio (2016), escreveu num editorial que, após o atentado de Nice, não publicará mais fotografias dos autores de massacres para “evitar eventuais efeitos de glorificação póstuma”. Explicou que “não se deve esconder os factos ou a vida dos assassinos, e por isso não somos favoráveis a manter o seu anonimato, mas as suas fotos não servem para descrever o seu passado”. No mesmo artigo são explicitados os pontos de vista dos principais órgãos de comunicação social franceses, à mesma data de julho de 2016. O chefe de redação da BFM TV, Hervé Bérout afirmou: “A foto tem um carácter simbólico e emblemático” e “pode colocar ao mesmo nível vítimas e terroristas”.

Por sua vez, o redator-chefe do jornal católico *La Croix*, François Ernenwein, disse que a partir daquele momento “só publicaríamos o primeiro nome e a inicial do apelido do autor de um atentado. E não a foto”. A rádio Europe 1 também anunciou que deixaria de “citar os nomes de terroristas”.

Já o *Libération* não partilha este ponto de vista. Segundo o diretor-adjunto do jornal, Johan Hufangel, manter no anonimato os autores não é uma posição sustentável. “Sempre o fizemos, não vai ser diferente agora. Além disso, publicar fotos de terroristas e glorificá-los não é a mesma coisa. A ‘Dabiq’ (a revista do Estado Islâmico) glorifica. Nós não”, acrescentou.

Ao contrário do que aconteceu em França, em Portugal, o debate nem sequer chegou a nascer. O facto de o nosso país nunca ter sido alvo de um atentado pode explicar a falta de polémica. Cada caso é um caso. No *Expresso*, nunca se publicariam fotografias de cadáveres como aconteceu um pouco por todo o mundo, e

também em Portugal. Mas já publicámos por diversas vezes os nomes dos autores de ataques terroristas. E até fotografias dos suspeitos.

Em Portugal o código deontológico dos jornalistas é omissivo em relação a esta questão. O código de ética do *Expresso* também nada refere sobre como atuar em casos destes com o fim de evitar a propagação de organizações como o Daesh ou a Al-Qaeda.

Pelos doze anos que tenho de casa, e pelo que conheço dos colegas com quem trabalho todos os dias, tenho a certeza que existe uma dose muito elevada de bom senso, que prevalece sobre a quantidade de cliques ou de tiragens semanais. Todos nós temos na cabeça que a publicação de uma foto de uma pessoa mutilada num ataque terrorista contribui em muito para a descredibilização do jornalismo. Informar não é mostrar sangue a todo o custo.

O mais recente ataque terrorista realizado em março na Nova Zelândia veio ressuscitar a discussão sobre o que os *media* devem ou não publicar ou transmitir nestes casos. O autor dos atentados na mesquita de Christchurch transmitiu em direto pelo Facebook durante 17 minutos as atrocidades cometidas naquele dia, como se de um jogo de computador se tratasse. Houve órgãos de comunicação social que divulgaram uma parte destas imagens, sem filtros, o que voltou a colocar o tema em debate. Mas a maioria das televisões, sites e jornais optaram por não mostrar as imagens do horror.

As próprias redes sociais foram obrigadas a reagir rapidamente para evitar a disseminação do terror. O vídeo foi retirado pelo Facebook uma hora depois do ataque que matou 50 pessoas e feriu outras 50. Esta rede social anunciou na altura que removeu 1,5 milhões de cópias do vídeo nas 24 horas seguintes à sexta-feira de terror. Também o YouTube alterou e suspendeu os filtros de pesquisa nas horas posteriores ao massacre. Ainda assim, as autoridades não conseguiram estancar a hemorragia uma vez que é missão quase impossível limpar na totalidade este tipo de vídeos do espectro da internet e redes sociais.

Na Nova Zelândia, foi julgado um jovem de 18 anos, acusado de divulgar as imagens do ataque em *livestream*. O rapaz arrisca-se a uma pena de 14 anos de prisão por este crime de incitamento à violência e disseminação do terrorismo.

Uma coisa parece certa: os *media* terão urgentemente de unir esforços para não cair na tentação da propagação do terror. Caso contrário, irão repetir-se os mesmos erros e ilegalidades num próximo ataque terrorista. Tenha estas imagens em direto ou não.

### **Guia para a Cobertura Noticiosa de um Atentado**

Ao realizar pesquisas para este trabalho, encontrei um estudo muito interessante realizado recentemente pela UNESCO (2017). Ao lê-lo, concluí tratar-se de um documento de consulta obrigatória para qualquer jornalista que escreva sobre

assuntos de segurança e terrorismo. Chama-se *Terrorism and the Media: a Handbook for Journalists* e está dividido por capítulos que dão conselhos muito práticos. Destaco três: “Como realizar a cobertura noticiosa de um atentado”, “Como se deve interagir com grupos terroristas” e “Como analisar um ataque terrorista quando regressa a paz”.

Em “Como realizar a cobertura noticiosa de um atentado”, o capítulo IV, os autores lançam algumas perguntas: Qual dos lados devemos escolher: o do jornalista ou da pessoa que pode ajudar a resgatar vítimas? Devemos ajudar as vítimas ou tirar fotos ou captar imagens do seu sofrimento?

Qualquer repórter que tenha estado num palco de um ataque terrorista já levantou estas interrogações.

Nem sempre são de resposta fácil e dependem de caso para caso. Um jornalista pode e deve fazer o seu trabalho, mas não pode esquecer-se de que é um ser humano e que durante a reportagem está rodeado de seres humanos em sofrimento. Devemos ter o bom senso de nos apresentarmos às vítimas que estão em choque e perguntar-lhes se elas necessitam de ajuda médica. Ao noticiarmos um ataque em direto, não nos devemos também esquecer de publicitar os números de emergência que ajudem as vítimas e seus familiares. E tentar não especular sobre os rumores acerca do número de mortos ou feridos. Ter bons contactos nas forças de segurança é essencial. E saber que por vezes é obrigatório não darmos um exclusivo se isso colocar em perigo a vida de pessoas sequestradas pelos terroristas. Os diretos televisivos não podem nem devem filmar tudo. E volto aqui às imagens de pessoas feridas ou mortas, ou outras que ponham em causa a sua dignidade.

Um dos maiores erros apontados pela UNESCO (2017) foi à televisão francesa que fez a cobertura dos ataques de 9 de janeiro de 2015, em Paris; alguns canais revelaram em direto as movimentações das forças de segurança que perseguiram os atacantes, dando pistas aos terroristas sobre como e para onde se deslocarem. Nos ataques de Bruxelas, a 18 de março de 2016, houve um canal que se colocou à porta do apartamento de um dos atacantes do atentado de Paris, de 13 de novembro do ano anterior, antes ainda de as forças de segurança chegarem ao local. Aquele direto punha em causa a investigação.

Os bons exemplos também são aqui citados. Ainda na Bélgica, os *media* acordaram em fazer um *blackout* durante uma operação antiterrorista nos bairros de Bruxelas e Charleroi, que tinha o objetivo de apanhar alguns dos autores do atentado de novembro em Paris. Jornalistas e polícias agiram em equipa para o bem comum.

O capítulo seguinte do mesmo relatório da UNESCO (2017), o da interação de jornalistas com grupos terroristas, diz menos aos repórteres portugueses, pouco habituados a confrontarem-se com este dilema. Principalmente nos últimos anos, depois das guerras civis na África lusófona. Ainda assim, vale a pena citar esta questão levantada pelos autores: O que faria um jornalista se um grupo de terroristas sugere-



risse filmar um ataque em direto? A resposta no meu caso seria fácil. Diria não e avisaria as autoridades, se tivesse meios para o fazer. Mas, infelizmente, nem todos os jornalistas teriam a mesma resposta. O afã noticioso e a avidez em noticiar algo bombástico em primeiro lugar, já fizeram mossa às questões éticas e deontológicas. Um fotógrafo alemão acompanhou uma facção de extrema-esquerda durante um ataque a uma residência em Hamburgo, nos anos 70. E este não é caso único.

As entrevistas com terroristas também devem ser evitadas. Por cá tivemos algumas. No *Expresso* depois de as realizarmos, sempre via *chat* do Facebook, optámos por publicar apenas algumas frases, com muita edição, e não na lógica de pergunta e resposta. A prioridade era não deixar que o terrorista fizesse publicidade gratuita à causa.

Um jornalista deve ter em mente que não pode alinhar no jogo dos extremistas. Entrevistas em direto pela televisão são mais difíceis de gerir, já que desta maneira mais facilmente um grupo passa a sua mensagem para o mundo. Os autores do estudo da UNESCO (2017) chegam ao ponto de interrogar: um jornalista que se encontra com um líder de um grupo terrorista não deve avisar as autoridades da sua localização? Mas coloca-nos outra dúvida: um jornalista é um informador da polícia? A resposta é seguramente negativa, mas a questão não deixa de ser pertinente. E polémica.

O estudo critica a reportagem autorizada, feita por um repórter alemão ao coração do Estado Islâmico em 2014, que acabou por dar um lado limpo, humanizado dos jihadistas, passando ao lado das atrocidades por eles cometidas contra os inimigos. Por fim, analisamos o capítulo do relatório da UNESCO (2017) intitulado “Como analisar um ataque terrorista quando regressa a paz”?

Depois de um atentado surge a análise. Os jornalistas tentam perceber se os serviços de informações falharam, se as medidas preventivas foram insuficientes para travar o ataque, ou se os serviços de emergência atuaram com rapidez e eficácia. É aqui que o papel da imprensa ganha importância e pode ajudar a melhorar as medidas de segurança no futuro, caso se prove que houve falhas graves por parte das autoridades.

Os *media* podem ajudar os familiares das vítimas de ataques, caso o Estado falhe em apoiá-las depois de tudo o que se passou. Nos últimos anos temos publicado no *Expresso* várias reportagens sobre as vítimas portuguesas dos atentados terroristas cometidos nas duas últimas décadas. Ao recolhermos os testemunhos percebemos que, na esmagadora maioria dos casos, as pessoas queixavam-se de terem tido pouco apoio psicológico e monetário por parte das autoridades. Acredito, talvez com alguma ingenuidade, que a publicação deste tipo de trabalhos pode ajudar a inverter o rumo dos acontecimentos.

Em França, na Bélgica, no Reino Unido ou na Alemanha, os períodos pós-atentados servem também para os *media* investigarem se as políticas de desradicalização estão

a ser bem realizadas. Ou se pelo contrário, há ainda muito a fazer para evitar que os jovens caiam nas mãos de pregadores radicais.

Termino com uma frase escrita por Charlie Beckett (2016), no relatório *Fanning the flames: Reporting on terror in a networked world*:

“Melhorar a cobertura noticiosa sobre atos terroristas é importante porque o extremismo violento é o sintoma da existência de problemas mais vastos por todo o globo. Uma reportagem mais inteligente, informada e socialmente responsável do terror não é apenas um argumento moral. É a oportunidade de mostrar que o jornalismo continua a ser uma parte vital da sociedade moderna”.

## Bibliografia

- Beckett, C., 2016. *Fanning the flames: Reporting on terror in a networked world* [pdf], setembro. Columbia Journalism School/Democracy Fund Voice. Disponível em [website] <https://www.cjrarchive.org/img/posts/Reporting%20on%20Terror%20in%20a%20Networked%20World%20%28Beckett%29.pdf>
- Farnham, N. e Liem, M, 2017. *Can a Copycat Effect be Observed in Terrorist Suicide Attacks?* [pdf], ICCT Research Paper, março. Haia: International Center of Counter-Terrorism – The Hague (ICCT). Disponível em ICCT [website] <https://icct.nl/wp-content/uploads/2017/03/ICCT-Farnham-Liem-Copycat-Effects-in-Terrorist-Suicide-Attacks-March-2017-1.pdf>
- Fenoglio, J., 2016. Médias : faut-il divulguer l’identité et la photo des terroristes ? *Le Monde*, 27 de julho. Disponível em: [https://www.lemonde.fr/actualite-medias/article/2016/07/27/des-medias-decident-de-ne-plus-publier-les-portraits-des-auteurs-d-attentats\\_4975341\\_3236.html](https://www.lemonde.fr/actualite-medias/article/2016/07/27/des-medias-decident-de-ne-plus-publier-les-portraits-des-auteurs-d-attentats_4975341_3236.html)
- Gabinete do Secretário-Geral do Sistema de Segurança Interna, 2014. *Relatório Anual de Segurança Interna 2014* [pdf]. Disponível em [website] [http://mediaserver2.rr.pt/NEWRR/RASI\\_20142082031f.pdf](http://mediaserver2.rr.pt/NEWRR/RASI_20142082031f.pdf)
- Hagopian, J., 2017. “The Terrorists-R-US”: Mainstream Media Propaganda Fuels and Fans the Flames of War. *Global Research* [em linha], 10 de dezembro. Disponível em: <https://www.globalresearch.ca/the-terrorists-r-us-mainstream-media-propaganda-fuels-and-fans-the-flames-of-war/5491053>
- Hagopian, J., 2015. Terrorism Fallout: Mainstream Media Propaganda Fuels and Fans the Flames of War. *American Empire Exposed* [em linha], 23 de novembro. Disponível em: <http://empireexposed.blogspot.com/2015/11/terrorism-fallout-mainstream-media.html>
- Jetter, M., 2017. *Terrorism and the Media: The Effect of US Television Coverage on Al-Qaeda Attacks* [pdf]. IZA DP No. 10708, abril, pp. 50. Bona: IZA Institute of Labor Economics/Deutsche Post Foundation. Disponível em [website] <http://ftp.iza.org/dp10708.pdf>
- UNESCO, 2017. *Terrorism and the Media: a Handbook for Journalists* [pdf]. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), Paris. Disponível em [website] <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247074>
-